

ERÓTICOS, ROMÂNTICOS OU SEXUALIZADOS?:
 REPRESENTAÇÕES DE CORPOS NEGROS
 MASCULINOS NOS PERFIS DO
 INSTAGRAM “@CASAISNEGROSGAYS” E
 “@BLACKGAYMANKISSING”

EROTIC, ROMANTIC OR SEXUALIZED?:
 REPRESENTATIONS OF BLACK MALE BODIES ON
 THE INSTAGRAM PROFILES “@CASAISNEGROSGAYS”
 (“BLACKGAYSCOUPLES”) AND
 “@BLACKGAYMANKISSING”

Geovane Pereira da SILVA¹

Monalisa Pontes XAVIER²

RESUMO

A proposta deste texto é identificar representações de estereótipos sexualizantes em torno de corpos negros masculinos homoafetivos no Instagram. Escolhemos como *corpus* para análises as fotos publicadas nos perfis: “@casaisnegrosgays” e “@blackgaymankissing”. Para tal, centralizamos nossas discussões a partir de processos sócio-históricos em torno da construção de estereótipos e masculinidades negras nos apoiando em Santos (2014), Veiga (2018), hooks (2019) e Paiva (2019) para construirmos categorias de análises utilizando do

¹ Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: gpsgeovane@outlook.com.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela UNISINOS. Professora do curso de Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. E-mail: monalisapx@gmail.com.



método de Análise de Conteúdo (AC). Através dessas leituras e método, formulamos três categorias: *Corpo erótico*, *Corpo romântico* e *Corpo sexual*. Como resultado, identificamos que a nudez e seminudez dos corpos negros masculinos são características centrais nas representações de homens negros homoafetivos no Instagram, isso remetendo ao erótico e não a sexualização.

PALAVRAS-CHAVE

Representações. Masculinidades negras homoafetivas. Instagram.

ABSTRACT

The proposal of this text is to identify representations of sexualizing stereotypes on black homoaffective male bodies on Instagram. As corpus to the analysis we select the photos published on the profiles: “@casaisnegrosgays” (“blackgayscouples”) and “@blackgaymankissing”. To this end, we centralize our discussions from social-historical processes on the construction of black stereotypes and masculinities being supported by Santos (2014), Veiga (2018), hooks (2019) and Paiva (2019) to construct the categories of analysis using Content Analysis (CA) method. Through these readings and method, we formulate three categories: *Erotic body*, *Romantic body* and *Sexual body*. As a result, we identify that nudity and semi-nudity of black male bodies are the major characteristics in representations of black homoaffectivemen on Instagram, referring to the erotic and not to the sexualization.

KEYWORDS

Representations. Black homoaffective masculinities. Instagram.

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, as redes sociais digitais como o Instagram ocupam um espaço na construção das sociabilidades e representações, como também implicam na relação entre o público e privado. Assim, essas tecnologias integram o cotidiano e fazem parte da cultura edos atravessamentos das relações entre os sujeitos. O Instagram tem como principal característica o compartilhamento de imagens.

É justamente nesse contexto que nossa pesquisa se insere, na sociedade processada via tecnologias digitais que produz representações por meio de

suas redes sociais e dispositivos. Em nosso texto, adotamos como objetivo identificar representações dos corpos negros masculinos no Instagram a partir da construção de estereótipos sexualizantes sobre os corpos de homens negros. Assim, há um entendimento de que partimos de algum pressuposto e/ou configurações de que existem conjunto de elementos que operacionaliza esses estereótipos.

Para tanto, construímos nosso *corpus* de análise através de dois perfis no Instagram que compartilham fotos de casais negros homoafetivos: “@casaisnegrosgays” e o “@blackmengaykissing” (Brasil). Justificamos a escolha dessas páginas por serem perfis brasileiros com números expressivos de seguidores e publicações³ e que compartilham sobre o tema da homoafetividade negra através de imagens de casais de homens negros homoafetivos.

A primeira conta, “@casaisnegrosgays”, possui 13,6 mil seguidores e mais de mil publicações e traz em sua descrição o administrador do conteúdo da página, o comunicador e empresário Paulo Carvalho. Ainda na descrição da página é enunciado o propósito do perfil: “divulgar, promover e enaltecer o amor preto gay”, como também sugere aos seguidores utilizarem a “#casaisnegrosgays”.

Já o segundo perfil, o “@blackmengaykissing”, tem 13 mil seguidores, e mais de 800 publicações. Esse perfil não enuncia quem é o seu administrador. Porém, em sua descrição, apresenta sua proposta: “Essa é uma página de apreciação para

³ É importante evidenciar que todas as datas e quantificações de seguidores e publicações expostas neste trabalho, referenciando respectivamente os perfis “@casaisnegrosgays” e “@blackmengaykissing” foram coletadas no dia 6 de julho de 2021. Ou seja, considera-se como quantificação de dados das páginas o que estava visível na descrição dos perfis no dia da coleta de dados. Assim, ao fazermos menção a datação da demarcação para análises ao longo do texto, deve-se considerar a data e publicações que se encontraram disponíveis nos respectivos perfis no dia da nossa coleta.



homens negros gay”, é interessante comentar que essa enunciação estar em inglês e em português, e que existem outros perfis com nomenclaturas semelhantes, contudo a página selecionada é uma conta destinado ao público brasileiro.

Nessa direção, iremos recorrer a discussões sobre masculinidades negras e estereótipos. Para essas questões, levando em conta o contexto do Brasil, consideramos os corpos de homens negros africanos e afro-brasileiros como sócio-históricos: forjados no processo de colonização e na escravização. Esse debate é construído a partir de Santos (2014), Veiga (2018), Paiva (2019) e hooks (2019). Já sobre representação, elaboramos a discussão a partir das ideias de Hall (2003, 2016) e Maffesoli (2010).

O estudo tem uma orientação qualitativa, em que o empírico e leitura bibliográfica auxiliam na construção de um processo de identificação. Sendo assim, nossa pesquisa necessitou de uma metodologia que permitisse articular a construção de categorias de análise que pensassem as características e particularidades do nosso fenômeno social e material de reflexão. Dessa maneira, elegemos a Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (1977, 2016) como ferramenta para orientar a formulação do nosso método categorial e análises. Como categorias formulamos: *Corpo erótico*, *Corpo romântico* e *Corpo sexual*.

2. O MÉTODO CATEGORIAL E REFLEXIVO ATRAVÉS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

A AC é um dos métodos mais utilizados no campo da Comunicação, seja pelo cunho quantitativo e/ou qualitativo. Laurence Bardin (1977, 2016) apresenta a contextualização histórica do surgimento e uso desse método entre as décadas de 1940 e 1950, aponta para os estudos de Comunicação realizados nos Estados Unidos das América, tendo como base a hermenêutica



(interpretação de textos). Em seguida comenta sobre sistematizações e técnicas vindas dos campos da Sociologia e da Psicologia, além de outras características como o uso de computadores e da semiótica no processo de pesquisa com AC.

Bardin (1977, 2016) define a AC como um método empírico que tem como função o aprofundamento crítico em análises de conteúdo dos mais diversos tipos: verbais e não-verbais, linguísticos, semióticos entre outros. Segundo a autora, a AC é um conjunto de técnicas de análises das comunicações. Nessa metodologia, podemos utilizar dados, literatura, jornais, peças publicitárias, entrevistas, documentos, enfim todo material empírico que possa transpor uma comunicação (significações das mensagens). De acordo com Bardin (1977, 2016), o método da AC consiste nas seguintes fases:

- a) **Organização da análise:** realizar uma pré-análise, através da exploração do material empírico selecionado, o que a autora chama de “leitura flutuante”. Nessa fase, deve-se propor hipóteses para trabalhar o tema, e formular os indicadores que irão fundamentar a interpretação final.
- b) **Codificação:** Após o processo de conhecer e se familiarizar com o material, deve-se definir o que se busca trabalhar (tema). Com isso, realiza o tratamento desse conteúdo, que consiste na delimitação do *corpus*, definir o que fica e o que sai do material (critérios) a partir da pertinência ao tema escolhido e objetivo estabelecido na pesquisa. Assim, elaborar unidades (características da mensagem do *corpus*).
- c) **Categorização:** Aqui, apresenta-se os critérios de categorização, uma forma de refletir a realidade por meio de um agrupamento de elementos do *corpus*. Nessa fase, adota-se o tema, as especificidades



das unidades que compõem o corpus e os sentidos das mesmas para organizar as semelhanças do material e assim o classificar.

- d) **Inferência:** No último passo desse método, temos o tratamento dos resultados, ou seja, a interpretação do *corpus* aplicada nas categorias elaboradas na pesquisa. Aplica-se a operação lógica, olhar o sentido dos achados da pesquisa sendo direcionado por toda construção do *corpus*, categorias e literatura que compõem o estudo para olhar as respostas para o problema proposto no estudo.

Na primeira fase deste trabalho, realizamos a “leitura flutuante”: exploramos o conteúdo dos dois perfis do Instagram, a fim de caminhar para indicadores, hipóteses e delimitações. Inicialmente, observarmos os perfis e identificamos que ambos trabalham com a mesma produção temática de conteúdo: imagens de casais negros homoafetivos.

Ainda em nossas observações iniciais, percebemos que as características gerais que compõem as postagens das páginas “@casaisnegrosgays” e “blackmangaykissing” são homens negros homoafetivos trocando afetos: abraços, carinhos, beijos, e supostamente a maioria das publicações são vindas de casais que utilizam as hashtags dos perfis e/ou entram em contato com os administradores dos perfis. Ou seja, considera-se que grande parte das publicações são repostadas e/ou concedidas pelos casais que lá estão.

Também é necessário dizer que no “@casaisnegrosgays” a maioria das postagens é acompanhada de pequenos textos, bem como a marcação dos perfis (“@s”) do casal na legenda do *post*. Outro ponto é que nesse perfil há publicações de casais de mulheres negras homoafetivas, porém com pouca constância em publicação desse tipo de conteúdo, prevalecendo majoritariamente, o conteúdo sobre casais homoafetivos masculinos. Já no



“@blackmengaykissing” existe uma legenda padrão para todas as publicações, que faz referência ao nome do perfil escrito em letras garrafas: “BLACK MEN GAY KISSING” (HOMENS NEGROS SE BEIJANDO), e há poucas publicações com a marcação dos perfis do casal no *post*, como também não tem postagens sobre o público feminino homoafetivo.

Em ambos os perfis, os corpos negros masculinos, em maioria, são apresentados semidesnudo: geralmente sem camisa ou com roupas íntimas. O erótico, o romântico e o sexual são aspectos presentes no conteúdo produzido nesses perfis. Sendo assim, a partir dessas observações empíricas (que ficarão em evidência na apresentação do material coletado), pudemos desenhar indicadores para formulação de categorias que remetem ao corpo. O primeiro indicador diz respeito a exposição dos corpos, e, o segundo remete ao afetivo entre homens negros ligado ao desnudamento. Assim, entendemos que esses indicadores podem orientar as nossas categorias de análises.

Em nosso texto, seguindo as recomendações do método em AC, levantamos as seguintes hipóteses: que 1) no Instagram existe a reprodução de estereótipos que naturalizam a representação da nudez e da sexualização dos corpos negros masculinos e que; 2) esses estereótipos produzem uma padronização e/ou um ideal de representação de um corpo negro como forte e viril. E por fim, 3) nos questionamos se existem representações no Instagram que não remetam ao corpo negro “padronizado/idealizado” pelos estereótipos sócio-históricos.

Sobre a parte descritiva do conteúdo, percebemos que o material das páginas em análise é publicado em diversos formatos: fotos, vídeos e ilustrações. Além disso, é importante lembrar que no Instagram o *post* (publicação),



segue a seguinte estrutura: uma peça visual, legenda, comentários, *likes* e compartilhamentos.

No processo de delimitação do *corpus*, escolhemos analisar fotos. Em nosso critério (imagético – estereótipo), consideramos que a estrutura foto é pertinente à proposta desta pesquisa (processo de identificação). Descartamos os formatos vídeo e texto (legendas e comentários) porque eles exigem demanda de tempo e espaço, bem como discussões e interpretações que envolvam um suporte teórico sobre audiovisual.

Ainda seguindo o critério de demanda de tempo e espaço, passamos para a delimitação da quantidade do material para compor nosso *corpus* de análises. O perfil “@casaisnegrosgays” data sua primeira publicação no dia 21 de junho de 2018, e a mais recente publicada no dia 20 de junho de 2021. Por sua vez, o perfil “@blackmengaykissing” teve sua primeira postagem no dia 16 de setembro de 2018, e a mais recente data do dia 6 de julho de 2021.

De maneira geral, essas páginas possuem 3 anos de publicação e mais de mil publicações. Sendo a proposta da nossa pesquisa qualitativa, não nos interessa quantificar os estereótipos, mas sim identificá-los, e como o conteúdo das páginas mantém uma certa linearidade na temática e produção do conteúdo, consideramos uma amostra com 10 *posts* mais recentes de cada perfil, ou seja, 20 *posts*: totalizando 41 fotos, pois a maioria dos *posts* vem em carrossel (sequência de fotos em uma única publicação). Para tal, consideramos que essa seleção contempla o foco reflexivo e a estrutura do texto (formato artigo científico).

A coleta e arquivamento do material para o *corpus* se materializou através de capturas de tela (*prints*). O processo de elaboração das categorias foi formulado a partir dos indicadores do conteúdo e da literatura sobre



estereótipos de corpos negros masculinos no contexto brasileiro, pois entendemos que esse material faz parte do processo sobre o qual estamos refletindo. Desse modo, o processo metodológico se consolida através da observação das mensagens expressas no conteúdo em análise, nas quais buscamos identificar as semelhanças e especificidades no material coletado os aplicando nas unidades de categorias aqui criadas. Por fim, o processo de inferências dos resultados é realizado pela comparação entre os dois perfis.

3. PERCEPÇÕES SOBRE CORPOS NEGROS MASCULINOS E ABORDAGENS SOBRE REPRESENTAÇÃO

3.1. CONTEXTUALIZANDO OS ESTEREÓTIPOS DE CORPOS NEGROS MASCULINOS

O Brasil carrega marcas estruturais do processo de colonização e escravização de africanos e afro-brasileiros onde se encontram as possíveis origens dos mitos e estereótipos relacionados ao erotismo e à sexualidade do homem negro, bem como a hipersexualização, coisificação, desumanização, animalização dos corpos de homens negros em diáspora, conforme discorre Daniel dos Santos (2014). O mesmo autor ainda argumenta que esse imaginário coletivo ainda está presente em nossa atualidade.

Lucas Veiga (2018) e bell hooks (2019) aproximam-se da percepção de Santos (2014) ao pensar que o processo de escravização de pessoas negras em diáspora nas Américas produziu comportamentos e maneiras de ver a masculinidade negra na sociedade. Contudo, Veiga (2018) e hooks (2019) também trazem apontamentos sobre o sistema capitalista e o processo de normatização pensado pelo patriarcado branco como



estruturas de construção e manutenção das representações sobre a masculinidade de homens negros.

Veiga (2018) aborda que essa configuração atua sobre a subjetividade de homens negros homossexuais, levando a negação ou camuflagem da sexualidade desses sujeitos como uma maneira de defesa. Nos apropriamos da discussão de Veiga (2018), e fazemos uso do termo “bixa preta” para se referir aos homens negros gays afeminados⁴ que não remetem ao estereótipo do negro viril, macho e musculoso e como isso afeta a vida desses homens.

Nas palavras de Veiga (2018, p. 84-85): “O não-lugar da bixa preta na economia do desejo é o lugar de um corpo, por vezes, animalizado, em que a fantasia em torno do tamanho do pênis e de sua performance sexual preenche o imaginário das bichas brancas.” Nesse corpo, é apresentado um estereótipo “oposto” do que é geralmente desejado/esperado (o “negão”) de um corpo negro masculino no imaginário da cultura brasileira, e isso é resultado de um processo sócio-histórico, econômico e político que modelou os modos de ver e posicionar as masculinidades negras.

Santos (2014) baseia seu estudo sob um olhar antropológico, sócio-histórico e crítico amparando-se nos trabalhos realizados por Gilberto Freyre, Luiz Motta, Ronaldo Vainfas entre outros autores e autoras que tratam do contexto de escravização do período colonial no Brasil.

Os perfis antropológicos de africanos escravizados e os estereótipos criados pelos colonizadores europeus nos levam a constatar alguns

⁴ Neste texto, o termo afeminado não pretende exercer uma binaridade: feminino vs masculino, no sentido de valorização e oposição como positivo ou negativo, mas sim uma apropriação no sentido político de resignificação do foi criado como algo pejorativo, e, que hoje é utilizado pelos sujeitos que vivem esse lugar do afeminado, por exemplo a bixa preta.



elementos presentes no mito sexual do negro hipererótico, lascivo, libidinoso e “bom de cama”: o escravismo colonial rebaixou e inferiorizou o homem negro a uma anatomia e corporeidade zoomórfica, na qual suas utilizações estariam limitadas ao trabalho forçado e à procriação animal (SANTOS, 2014, p. 10).

Santos (2014) ainda aborda que os africanos e os afro-brasileiros foram coisificados como mercadoria. A estética negra, o corpo e a beleza, considerada “exótica” ou “rústica” ao olhar dos europeus, implicava na comercialização dos “feios” e “bonitos” por valores distintos. Os atributos corporais como pênis vantajosos (implicaria na desenvoltura sexual e diferencia de homens brancos), assim como o ideal de negros musculosos, faz parte do processo de comercialização. Isso pode ser exemplificado no registro historiográfico de Karasch (2000p. 82-83) referenciado por Santos (2014, p. 15, grifos do autor) sobre orientações para compra de escravos:

“[...] O doutor Imbert recomendava que cada fazendeiro deveria procurar o homem negro que tivesse ‘pele negra macia e sem odor, **genitais nem muito grandes, nem muito pequenos**, abdome chato e umbigo pequeno, ou podem acontecer hérnias, pulmões espaçosos, nenhum tumor glandular sobre a pele – sinais de infecção escrofulosa que leve à tuberculose – **músculos bem desenvolvidos**, carne firme, e na fisionomia e atitude geral, animação e vivacidade; se essas condições estiverem presentes, o Senhor terá um escravo com saúde, força e inteligência garantidas’.

Santos (2014) também comenta que uma das práticas para venda desses sujeitos era submetê-los a exercícios físicos e realçar seus músculos com óleo. Em um relato que Santos (2014, p. 9) referencia o viajante francês Louis-François Tollenare via Freyre (2004, p. 57), o qual descreve o corpo negro masculino escravizado da seguinte maneira:



“grandes latagões [homens novos, altos e robustos] musculosos ocupados a fiar algodão”, negros detentores de físico “menos robusto que o carregador francês, porém os movimentos menos duros; o peito abaulado [saliência externa curva e arredondada]: a coxa nervosa; a pele negra luzidia desprovida de pelos, deixando perceber todo o jogo de seus músculos muito móveis, os braços e sobretudo as pernas de ordinário fracas. [...] Vi negros com formas de Apolo [deus da mitologia grega detentor da beleza, perfeição, harmonia, razão e do equilíbrio].

Outros pontos a serem expostos no processo de construção dos estereótipos ligado ao erotismo exacerbado desses corpos era o fato deles estarem cotidianamente *seminus*, bem como a condição de escravizados, que condicionava a submissão aos desejos sexuais dos seus senhores. Nos apropriamos e “traduzimos” (considerando o tensionamento dos contextos) as orientações de compras dos corpos negros masculinos (ditas nas citações anteriores), bem como a descrição do olhar do francês Louis-François Tollenare e o debate feito por Santos (2014) como caminho para formular característica da imagem de um perfil da idealização da representação de um homem negro estereotipado: jovem, alto, musculoso (peitoral, abdômen, braços e coxas torneadas), pele brilhante e com pênis grande. Podemos considerar que esse estereótipo carrega um peso sociocultural com funções de comercialização, erotização e desejo sexual (e de certo modo a negação do romântico).

Santos (2014) não realiza um debate sobre práticas sexuais heterossexuais e/ou homossexuais de homens negros escravizados ou libertos, porém aponta que tais práticas ocorriam sobre a exploração sexual sem consentimento (em relação aos homens brancos). Nesse ponto, mesmo que não centralize sua discussão em tal questão, dialogamos com Victor Leitão de Paiva (2019), que se propõe a realizar uma revisão bibliográfica histórica e historiográfica



para refletir sobre homossexuais negros na(s) história(s) do pós-abolição no Brasil. Com isso, o autor busca reflexões sobre o debate de masculinidade negra no Brasil, na qual considera que

[...] a ideia de que ser negro, ou preto, já seria ruim o suficiente e para além disso o interlocutor ainda seria homossexual, agravando o quadro. Essa ideia da inferioridade e do caráter negativo conferido à negritude e a homossexualidade não é de maneira nenhuma uma surpresa e é, em verdade, até qualificável (PAIVA, 2019, p. 154).

Contudo, compartilhamos das considerações de Santos (2014, p. 19) que assevera que embora haja marcas extensas da construção histórica no imaginário coletivo sociocultural sobre os corpos negros “flagelados por libambos e açoites”, os “Super Negões” não se mantêm passivos aos estereótipos. Santos (2014, p. 19) fala que:

Além de possíveis (auto) representações do erotismo e da sexualidade por meio das plataformas midiáticas e das artes contemporâneas, os homens negros criaram estratégias de ressignificação dos mitos e estereótipos acerca de si, invertendo suas posições subalternizadas na guerra violenta dos discursos racistas.

Salientamos que embora o autor não se aprofunde nesse debate, nos é pertinente pensar a dinâmica da (re)invenção das masculinidades e sexualidades negras e de seus corpos e o lugar do erótico como uma apropriação ou ressignificação de representações que desloquem o desejo do lugar da lascividade, do não exercício de afetos e da animalização para outras possibilidades.

Sobre o erótico, Audre Lorde (2009) nos oferece uma discussão sobre relações eróticas, as entendendo como sociais e intrínsecas quando se



trata de sujeitos subalternizados e marcados por marginalizações, como as mulheres negras lésbicas. Para a autora, o erótico é uma fonte de informação, na qual a sexualidade é uma maneira de enriquecer e empoderar as ações de afirmação e reivindicação na vida como um todo.

Lorde (2009) compreende o erótico e o uso do erótico como poder e argumenta que esse conhecimento não é sobre fazer coisas, mas sim acessar a realização íntima do fazer. Para Lorde (2009, p. 14) “[...] o erótico oferece um manancial de força revigorante e provocativa à mulher que não teme sua revelação, nem sucumbe à crença de que as sensações são o bastante.” A autora exemplifica tal questão com a pornografia, que para as mulheres não remete ao erótico, pois é algo feito pelos homens como uma negação, uma supressão do sentimento verdadeiro, ou seja, tornam-se as sensações do erótico como algo “plastificável” que impedem a capacidade de satisfação e realização do fazer e personificação desse fazer para si.

O erótico, para mim, acontece de muitas maneiras, e a primeira é fornecendo o poder que vem de compartilhar intensamente qualquer busca com outra pessoa. A partilha do gozo, seja ele físico, emocional, psíquico ou intelectual, monta uma ponte entre quem compartilha, e essa ponte pode ser a base para a compreensão daquilo que não se compartilha, enquanto, e diminuir o medo das suas diferenças (LORDE, 2009, p. 16).

Nesse sentido, observamos uma relação de poder para quem exercer a construção do erótico. Aqui, voltamos a atenção a pensar que o erótico dos corpos negros masculinos feitos por casais de homens negros, e compartilhados como conteúdos em perfis do Instagram, possa trazer impactos em termos de reconfiguração sobre os estereótipos em torno dos corpos desses sujeitos, que foram condicionados a representações construídas dentro de um sistema



escravocrata de subordinação, inferiorização, animalização e sexualização, como podemos ver em Santos (2014), Hall (2016), Veiga (2018), Paiva (2019) e hooks (2019).

Santos (2014) aponta para a carência e escassez em estudos e historiografias brasileiras que tratam da construção e exercício do erotismo e sexualidade das populações negras escravizadas. Nesse sentido, ressaltamos a necessidade de refletir sobre tal questão sob a ótica da Comunicação, pondo o cenário contemporâneo via sociedade atravessada por tecnologias digitais (à exemplo o Instagram) como lugar de estudos para construção de masculinidades homoafetivas, como traz Paiva (2019, p. 166-167), de quem compartilhamos a visão quando afirma:

[...] pensar as masculinidades negras de homossexuais negros, cujos corpos e subjetividades são interpelados por essas projeções e construções de gênero que são experienciadas de maneiras particulares na interconexão com a (homo)sexualidade.

Desse modo, assumimos tratar a complexidade sobre os estereótipos de corpos negros masculinos e suas representações no Instagram com um olhar que reconhece as multiplicidades dos sujeitos retratados, bem como a presença de particularidades e semelhanças que perpassam do coletivo ao individual, e as construções de representações. Assim, vemos que nosso texto pode colaborar no campo dos estudos sobre masculinidades negras no Brasil.

3.2. QUESTÕES SOBRE REPRESENTAÇÃO E ESTEREÓTIPO

Cabe explicitar o que compreendemos por representações e estereótipos. Hall (2003) entende a representação como sendo fruto de um sistema cultural. A partir disso, o autor adota a linguagem (códigos e codificação) como eixo



central no processo da representação. O autor considera que os aspectos históricos, sociais, semióticos e linguísticos em cada sociedade constituem as imagens e os significados delas construídos. Ou seja, os sujeitos compartilham as práticas sociais (modos de fazer e ver) que constroem as representações.

Hall (2003, p. 358) entende a representação como “[...] algo em si mesmo constitutivo — como sendo o efeito de uma prática”. O autor refere-se ao sentido de “efeito”, pois questiona a origem do verdadeiro, já que somos reflexos uns dos outros, e representamos o mundo, as coisas e as pessoas de acordo com o sistema cultural que vivemos.

De certo modo, Maffesoli (2010) aproxima-se da discussão de Hall (2003). Para Maffesoli (2010, p. 78): “O mundo não existe mais como tal, mas sim enquanto representado.” Esse autor argumenta que ao reduzir a natureza ao olhar de um indivíduo consciente, esse ato torna-se a realidade, ou seja, a representação é a correspondência da relação causa e efeito, sendo esta responsável pela origem do mundo, do social e das coisas. Para tal, é interessante pensar que tanto a representação quanto a realidade são construções, e que essas, são constituídas de formas semelhantes: através do olhar do outro, e com o outro, ou seja, as representações ocorrem na relação entre os sujeitos e seus códigos.

Nesse sentido, concebemos estereótipos como representações, e essas como imagens construídas por processos sócio-históricos em um sistema cultural. E como elas tratam de práticas sociais, mediadas pela linguagem, essas são possíveis de serem codificadas. “Na estereotipagem, então, estabelecemos uma conexão, diferença e poder” (HALL, 2016, p. 193).

Em suma, Hall articula essa relação trazendo exemplos das relações coloniais, mídia, arte e esportes que construíram estereótipos sobre os sujeitos



e corpos negros pelo olhar da sociedade branca. A diferença é marcada pelo exercício de poder do branco que, pela configuração social, atuou na projeção, enunciação, avaliação e criação dos negros e seus corpos pelo “olhar branco”, os estereotipando. O fetichismo, a racialização da representação e imagens positivas e negativas de negros na mídia também fazem parte das discussões feitas por Hall (2016). Para o autor, a estereotipagem é produzida pela desigualdade de poder que atua na manutenção da ordem social.

4. ANÁLISE DO CONTEÚDO DO INSTAGRAM NOS PERFIS “@CASAISNEGROSGAY” E “@BLACKMENGAYKISSING”

Toda a discussão teórica feita até o exato momento foi necessária para a construção das categorias trabalhadas. A partir do método da AC, tomamos como indicadores a nudez e seminudez (algo presente em quase todo o conteúdo coletado) e relação corporal entre os sujeitos para atribuir funções do *erótico*, *romântico* e *sexual*.

Essas funções também foram utilizadas para nomeação das categorias. Para fundamentar as unidades de sentidos e funções, nos apropriamos de forma contextual das características sobre os estereótipos dos corpos de homens negros expostas em Santos (2014), Hall (2016), Veiga (2018), Paiva (2019) e hooks (2019) como elementos de identificação das fotos em análise. Segue abaixo nossa categorização:



Quadro 1 – Categorias para o processo de identificação de estereótipos de corpos negros masculinos em fotos

Categoria	Unidades de sentido (características)	Função
Corpo erótico	Corpos: magros, gordos e musculosos. Sujeitos nus, seminus ou vestidos que se relacionem e/ou expressam afetividades: sorrisos, abraços, beijos, gestos e posições sexualmente insinuantes.	A erotização funciona como uma forma de se posicionar no mundo através do desejo, da sexualidade e do relacionamento de sujeitos que vivem, acessam e expõem sua intimidade como maneira de afirmar seus corpos e afetividades.
Corpo romântico	Corpos: magros, gordos e musculosos. Sujeitos seminus ou vestidos que se relacionem e/ou expressam afetividades: sorrisos, toques de mãos, abraços, beijos, gestos e posições que foquem o rosto ou do tronco do corpo para cima.	O romântico funciona como uma demarcação do afeto. Criar sentidos do romanticismo e processos de normalização do afeto entre corpos negros masculinos.
Corpo sexual	Corpos: musculosos nus ou seminus que se relacionem ou expressam um desejo libidinoso em que uma composição de ato sexual seja visualizada na relação corporal; beijos, abraços e gestos e posições que enfoquem no peitoral, na região do pênis e/ou nádegas.	O sexual cumpre a materialização do desejo pelo desejo. O corpo como objeto-máquina do prazer: sujeitos-corpos disponíveis para saciar a vontade sexual.

Fonte direta, 2021

Para a organização do material coletado, esses são agrupados em suas respectivas ordens de publicações nos perfis “@casaisnegrogays” e “@blackmengaykissing” em lógica de ordem alfabética para facilitar nas inferências e comparações das duas páginas. Vale ressaltar que alguns *posts* estão em carrossel, múltiplas fotos em uma publicação que equivalem a um *post*. Abaixo ilustramos as exposições do corpus da pesquisa:



Quadro 2–Exposição do material coletado da página “@casaisnegrogays” - sequência de A a J. Fonte direta, 2021.

A-1)



A-2)



B-1)



B-2)



B-3)



B-4)



C-1)

C-2)

C-3)



D-1)



D-1)



D-3)



E)



F-1)



F-2)



F-3)



G)H)



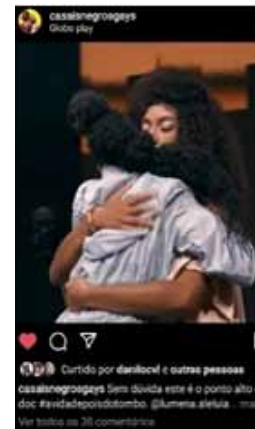
I-1)



I-2)



I-3)J)

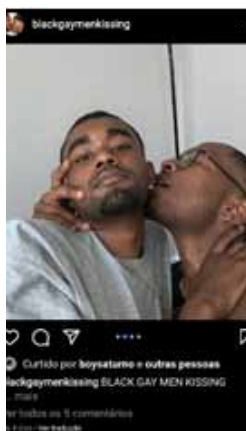


Quadro 3 –Exposição do material coletado da página
 “@blackmengaykissing” - sequência de L a V. Fonte direta, 2021.

L-1)



L-2)



L-3)



L-4)



M-1)



M-2)



N-1)



N-2)



N-3)



O)



P-1)



P-2)



P-3)



P-4)



Q)





R)



S)



U)



V)



4.1. ANÁLISE DE DADOS

Através do material observado temos que os estereótipos sobre os corpos negros masculinos como hipersexualizados, animalizados, objetificados como máquinas sexuais contextualizados em nossa leitura bibliográfica aqui trabalhada não se constituem como uma representação presente nos perfis analisados. Porém, o aspecto da naturalização da exposição da nudez e seminudez de corpos negros masculinos foi identificável.

Retomarmos as questões que levantamos no início do texto. Na primeira, nos questionamos sobre a reprodução de estereótipos que naturalizem a representação da nudez e da sexualização dos corpos negros masculinos no Instagram. Nesse ponto, temos um tensionamento ao identificarmos a nudez, porém esta enquanto é uma prática de representação (HALL, 2016) dos corpos de homens negros, mas essa nudez não remete à sexualização, mas sim a um erótico, tal qual na percepção de Lorde (2009).

Já partindo para a segunda indagação: os estereótipos conduziram uma representação de um corpo negro “ideal”; forte e viril? No conteúdo sistematizado, identificamos que existem muitos corpos musculosos. Contudo,



o contexto das publicações não representa ou traz sentidos de “macheza” ou virilidade como mensagem em seu conteúdo. Isso nos leva a comentar sobre o terceiro questionamento: as representações de corpos negros no Instagram remetem a uma padronização? Percebemos que existem pluralidades nas representações dos corpos negros presentes nos conteúdos dos perfis analisados: corpos gordos, magros, musculosos. Assim, identificamos diversidade nos traços físicos não só em relação à composição corporal, mas também nas feições dos rostos e na tonalidade da cor da pele, desde negros com a pele clara até outros com a pele retinta.

Assim, não identificamos sexualização e padronização que remetessem aos estereótipos de um corpo negro forte e viril como objeto sexual. Porém, percebemos que o conteúdo no Instagram apresenta corporalidades negras diversas. Todas essas inferências ficam em evidência no quadro abaixo em que aplicamos as categorias aqui elaboradas em nosso *corpus*.

Quadro 4 – Comparando os estereótipos a partir das semelhanças do material coletado e sistematizado em nossas categorias

Categoria	“@casaisnegros gays”	“@blackmengaykissing”	Total
Corpo erótico	C - E - G (3)	M - Q - S (3)	6
Corpo romântico	A - B - D - F - H - I - J (7)	L - N - P - R - U - V (6)	13
Corpo sexual	(0)	O (1)	1

Fonte direta, 2021. Fonte direta, 2021.

Observamos o Instagram como potência para produção de representações de homens negros homoafetivos. Consideramos que o fato de os perfis aqui



estudados serem administrados por homens negros homoafetivos, bem como o conteúdo que alimenta as publicações derivarem diretamente de homens negros homoafetivos é que pudemos identificar representações de corpos negros masculinos como pluralidades e que se distanciam de estereótipos que apenas tratam desses corpos como máquinas sexuais. Identificamos que as afetividades é a representação que se sobressai nas mensagens veiculadas nos perfis analisados nesse trabalho.

Neste texto, pudemos identificar que a categoria mais aplicada foi a *Corpo romântico*, em seguida *Corpo erótico* e, por último e apenas com uma constatação, a *Corpo sexual*. Consideramos que as categorias propostas nesta pesquisa não são excludentes, ou seja, em uma imagem pode ser identificada em mais de um estereótipo, ou melhor dizendo, categoria de análise. Por entendermos o estereótipo como representação, apontamos que a construção de novos estereótipos que ressaltem as características do erótico, romântico e sexual como reconfigurações são pertinentes para transformar preconceitos raciais e de sexualidades minorizadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que em decorrência da explosão de personalidades e influencers negros atuando na internet e nas redes sociais e a ampliação do debate sobre racismo, movimento antirracismo, bem como o crescimento do ingresso de negros e negras nas universidades e nas pesquisas tenham contribuído para construção das mensagens e representações dos conteúdos das páginas aqui estudadas. Outro ponto que pode ter contribuído para essa mudança, é o compartilhamento de imagens de homens negros homoafetivos (do privado ao público), que a cada dia mais têm usado de espaços como o



Instagram para criar (auto) representações de si, de seus relacionamentos e corpos sobre o erótico, romântico e sexual.

Assim, consideramos esses sujeitos, utilizando de seus perfis no Instagram, pautam processos de subversão de estereótipos que os coisificam ou os limitam a um corpo, a um órgão genital (pênis) e aos poucos estão rompendo com as imagens e práticas racistas que ditam ou representam os modos de como esses sujeitos e seus corpos devem ser vistos e/ou tratados. Para tal, ressaltamos que o erótico praticado entre homens negros é uma potência representacional, e que a prática de representação desses sujeitos em torno do nu ou seminú de corpos negros masculinos no ambiente do Instagram pode ser um caminho para (re)significar estereótipos construídos e herdados do período de escravização de homens negros no Brasil colônia.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. 1ª.ed, 3ª. reimp. São Paulo: Edições 70, 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução de Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Elefante Editora, 2019.



LORDE, Audre. **Textos escolhidos de Audre Lorde**. Herética Edições Lesbofeministas independentes, 2009. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-da-populacao-lgbt/obras_digitalizadas/audre_lorde_-_textos_escolhidos_portu.pdf
Acesso em: 08 de mar. de 2020.

MAFFESOLI, Michel. **Saturaçãõ**. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2010.

SANTOS, Daniel dos. Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica. **Universitas Humanas**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 7-20, jan./jun. 2014.

PAIVA, Victor Leitão de. Homossexuais negros na(s) história(s) do pós-abolição no Brasil: algumas provocações à luz do debate sobre as masculinidades negras. **Revista da ABPN**. v. 11, n. 30., set – nov 2019, p.152-173.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018.



Revista Policromias
Volume 07 | Número 1

DOSSIÊ